

Olha Brasília, está florida! É o querer, é o querer das margaridas.

Ana Carolina de Oliveira Marques

[Doutora em Geografia. Prof. Universidade Estadual de Goiás. Pesquisadora do grupo “Espaço, Sujeito e Existência”]

Não faz muito tempo, seu moço
Nas terras da Paraíba
Viveu uma mulher de fibra
Margarida se chamou
E um patrão com uma bala
Tentou calar sua fala
E o sonho dela se espalhou

Já faz muito tempo, seu moço
Que enriba deste chão
E em toda nossa Nação
O pobre é pra lá e pra cá
Lavrador faz mas não come
E a miséria é sobrenome
Do povo deste lugar
[...]

Canção para Margarida (Zé Vicente)

Agosto, mês das vacas magras no sertão brasileiro. Refiro-me especialmente ao Cerrado. Por aqui, não se corta o cabelo, nem se pronuncia certas palavras: já não basta a maldição da seca, agosto é um mês em que a morte e a loucura ficam na “espreita”. O calor, a baixa umidade do ar, a nudez das árvores, a poeira fazem do Cerrado um ambiente hostil nesse mês entregue, pelos sertanejos, aos imperativos divinos: a gosto de Deus. Mas, por desobediência das deusas, piedade ou subversão da natureza, habitam agosto o poente e as flores mais reluzentes que já vi. Os ipês – rosa, amarelo e branco – se levantam nas paisagens como quem diz: “não me curvo a essa vida cinza!”. Contra um Cerrado hostil e monocromático, um Cerrado florido. Também Brasília floresceu nesta quarta-feira (14 de agosto). Ao invés de ipês, margaridas. No centro político da Federação que há muito se mostra hostil aos interesses do povo, mais de 100 mil margaridas – mulheres trabalhadoras que habitam os campos, as águas e as florestas no Brasil – marcharam em defesa de um projeto de nação, de ser humano e de sociabilidade livre de violência (física, sistêmica, simbólica). A 6ª edição da Marcha das Margaridas trouxe como lema: “Margaridas na luta por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência”. Marcharam em denúncia aos grandes projetos predatórios da sociobiodiversidade brasileira: a mineração, a agricultura capitalista, as barragens e usinas hidrelétricas, a indústria do turismo, a privatização dos bens comuns etc. Em suas narrativas, as margaridas teciam nós entre os grandes projetos econômicos e a estrutura social, familiar e subjetiva herdada de um “passado presente” colonial, escravocrata e patriarcal. “Mulher, água e energia não são mercadoria!”, “Meu corpo, meu território!”, “Margaridas que resistem na lama [vítimas do desastre criminoso da Samarco em Mariana-MG]”, “Não ao desmonte da FUNAI! [mulheres indígenas do Amazonas]”, “Território, Saúde e Respeito!”, “Trabalhadoras agricultoras, professoras, comerciárias, metalúrgicas contra o capital!”. “Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres...”.

continua

A Marcha homenageia Margarida Maria Alves, natural de Alagoa Grande (PB), líder sindical assassinada na presença do marido e de um dos filhos, em 12 de agosto de 1983. Dessa vez, foi “a gosto” dos latifundiários incomodados com a atuação política fervorosa desta paraibana. Visitei a casa de Margarida Alves duas semanas antes da Marcha. Na fachada, a frase: “Melhor morrer na luta do que morrer de fome”. O processo judicial instaurado no assassinato de Margarida é o maior da história da Paraíba, contendo mais de 9.000 páginas, e os mandantes seguem impunes. O acontecido se repete Brasil a fora. Milhares de margaridas morrem neste país, 5º com mais feminicídios no mundo. A cada duas horas morre uma mulher no Brasil pelo simples fato de ser mulher, segundo os dados do Monitor da Violência (parceria entre o Núcleo de Estudos da Violência da USP, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Globo G1). Em 2018, 4.254 mulheres foram assassinadas no Brasil. Isso sem contar os estupros, agressões, assédios de todas as ordens. Se ser mulher já é um preço bastante caro no Brasil, imaginem uma mulher pobre, trabalhadora, mãe, nordestina, militante? Mas o sonho de Margarida Maria Alves se alastrou. Ela regou com seu sangue o jardim da esperança de trabalhadoras e trabalhadores. Ainda hoje faz brotar flores em terrenos inférteis como a esplanada dos Ministérios em Brasília. Graças a sua luta, milhares de brasileiras e brasileiros, a despeito do preconceito disseminado por governantes que agem como líderes de “torcida organizada”, proclamam com orgulho: “Somos todos Paraíba!”. Finalizo esse breve chamado à luta – afinal, este é o querer das Margaridas – com mais um trecho da canção de Zé Vicente:

**Daqui a algum tempo, seu moço
Se a gente não se cuidar
Se o pobre não se ajuntar
Tubarão engole a alegria
Pois o jeito é treinar o braço
Para desatar esse laço
Que amarra a fulô do dia
E quando na roça da gente brilhar as espigas
Vai ter festa e nas cantigas
Margarida vai viver
E quando na praça e na rua florir Margaridas
Vai ser bonito de ver
Vai ser bonito de ver**

■■■

Fontes:

- Monitor da Violência - <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/03/08/cai-o-no-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-mas-registros-de-feminicidio-crescem-no-brasil.ghtml>
- Canção para Margarida - <https://www.letras.mus.br/ze-vice/988269/>
Ver também Boletim N° 38 do Blog www.multiplicadoresdevisat.com

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.